

**SERGINHO MARQUES**

Relações públicas

**PLURAL****VIRGINIA VECCHIOLI**Doutora em antropologia social.  
Professora UFSM – CESH**CULTURA E PATRIMÔNIO****Maria vai com as outras!**

Quando o ex-deputado bradou o nome de Ustra no último processo de impeachment, já tínhamos motivos suficientes para saber com quem estávamos lidando. Os atos antidemocráticos, que vivenciamos no último 8 de janeiro, tem raízes nesse espetáculo infame e sem punição da época.

As pessoas de idade, as famílias com crianças que lá estavam, assim como as pessoas que passaram em vigílias frente aos quartéis, sinalizando aos ETs, desfilando em “marcha soldado”, corroboraram para o atentado, para o crime que aconteceu na Praça dos Três Poderes no segundo domingo de 2023.

Os ditos patriotas podem não ser a parte terrorista do acontecido, mas são os populares “Maria vai com as outras”, e devem ser responsabilizados também, pois ou são mal-intencionados ou são apreciadores das “fake news”, de quem sabe o que está articulando e assim contribuem para inflar as atitudes vândalas.

As obras de arte danificadas, a réplica da constituição brasileira extraviada, cidadãos, supostamente, de bem, defecando pelas salas do Supremo Tribunal Federal confirmam, o que não é surpresa para ninguém, muitos, para não dizer a maioria, que participaram dessa depredação são seres que há anos condenam a arte e a cultura, que ultrapassam o limite de viver em sociedade e pouco se importam com as leis do país. São seres que não se importam que seu semelhante possa viver de uma forma diferente. São os “abalados” por não estarem mais no centro do poder, que julgam ser deles.

A destruição que vimos em Brasília faz parte de ações despolitizadas, fruto das falas verborreias, que ultrapassaram o mero ridículo e se esbarraaram no discurso criminoso, muitas vezes proferido pelo atual ex-presidente, como o acontecido no impeachment de 2016.

Desculpe-me, leitores! Mas minha escrita está em tom agressivo dessa vez, pois não admito tamanho crime, não vemos um “cessar-fogo” muito próximo, pelo contrário, está sinalizado apenas o início de uma conta, que no fim, todos vamos pagar! Os terroristas têm que ser identificados, julgados e punidos, assim como seus cúmplices, incentivadores e financiadores! Sem anistia!

Mas, não podemos generalizar. Temos muitos eleitores do ex-presidente que, certamente, não coadunam com a barbárie, pelo contrário, também estão perplexos com o que ocorreu.



DIVULGAÇÃO

**A tragédia da Kiss como patrimônio da cidade**

Santa Maria tem seus lugares consagrados de memória que orgulham a todos os santamarienses, como suas tradições enraizadas em uma rica diversidade cultural e histórica. Neste contexto, compreende-se a importância das ações patrimoniais que tanto promovem o crescimento da cidade, colocando em valor seu vasto acervo material e imaterial e habilitam a criação de novos “lugares de memória”.

Entre as iniciativas que precisam ser contempladas, esta coluna busca interpelar a sociedade santamariense sobre a relevância de contar com um memorial em homenagem às vítimas da boate Kiss (2013). A tragédia deve ser incorporada como parte das memórias da cidade. O sofrimento dos familiares e sobreviventes precisa se traduzir em um memorial que reconheça o valor das vidas ceifadas, assim como a legitimidade da dor daqueles que a sobreviveram. Um dever de memória que não envolve apenas aos diretamente afetados, quanto à sociedade toda.

A memória coletiva é uma forma de lidar com passados traumáticos, desenvolvendo ações que reparam simbolicamente a familiares e sobreviventes, ao tempo, que promovem ações de prevenção e preservação da vida. A memória nos ensina sobre a capacidade das pessoas de se reinventarem a partir de uma situação limite, assim como da importância de lutar coletivamente pelo direito à justiça. Os memoriais são espaços pedagógicos e culturais fundamentais, cujo foco encontra-se no futuro mais que no passado.

Enquanto o passado não pode ser alterado, a sociedade pode reverter a dor em aprendizados. O futuro memorial será um espaço ativo e gerador de vida, a partir do desenvolvimento de iniciativas de formação pedagógica e escolar, artística, científica e turística. Ele contribuirá para o desenvolvimento econômico da cidade, com o tempo, poderá ser integrado a seus roteiros turísticos, como nos ensinam outras experiências modelares: o memorial em homenagem à tragédia do 9/11 (Nova York) é visitado anualmente por 1 milhão de pessoas e o campo de concentração Auschwitz-Birkenau é visitado por 3 milhões de pessoas.

A importância das ações de promoção de saúde e bem-estar, de construção de cidadania, defesa dos direitos humanos e de desenvolvimento turístico da cidade, justifica que a iniciativa do memorial receba o apoio de todas as esferas do Estado e da sociedade civil. O memorial permitirá mostrar que o sofrimento – que não pode ser apagado ou ignorado – foi assumido e incorporado ao cotidiano da cidade, a partir de uma iniciativa coletiva e pública, que transmita às futuras gerações os aprendizados da tragédia, para que ela nunca mais se repita.



REPRODUÇÃO